

# Cadernos Espinosanos



**ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII**

n. 41 jul-dez 2019 ISSN 1413-6651

IMAGEM Detalhe de *Mulher segurando balança*  
do pintor holandês Johannes Vermeer, óleo sobre tela, data 1662 ou 1663.

OLDENBURG: O MAIS PROLÍFICO  
CORRESPONDENTE DE ESPINOSA

Samuel Thimounier Ferreira  
Mestre, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil  
thimounier@gmail.com

RESUMO: Este artigo visa compor uma biografia de Henry Oldenburg (ca. 1615-1677), apresentando um retrato, na concretude de sua vida, mais ou menos fiel de um dos principais missivistas de Espinosa. Da recolha bibliográfica, quisemos responder à pergunta que define parte essencial do pano de fundo da mais duradoura e prolífica troca de cartas com o filósofo holandês: quem é Oldenburg? Sobretudo, foi preciso apresentar a humanidade de tão importante personagem, a fim de evitar que ele se tornasse, aos leitores das cartas, um mero indivíduo sem face a quem Espinosa deu algumas frases.

PALAVRAS-CHAVE: Oldenburg, Espinosa, Boyle, Royal Society, Philosophical Transactions.

Henry Oldenburg<sup>1</sup> nasceu na cidade de Bremen, provavelmente entre 1615 e 1619, em uma família ligada à educação e à teologia. Seu pai, de quem herdou o mesmo nome, lecionou entre cerca de 1610 a 1630 no *Pædagogium*, uma escola de ensino fundamental em Bremen; após isso, tornou-se professor da Universidade de Tartu, na Estônia, onde morreu em 1634. O primeiro membro da família de que se tem notícia é Johann Oldenburg, que se mudou de Münster para Bremen em 1528 e foi o primeiro Reitor da *Lateinschule*, escola precursora do *Pædagogium* (ROTERMUND, 1818, p. 83).

Em maio de 1633, Oldenburg entrou no *Gymnasium Illustre* de Bremen. Lá se dedicou aos estudos teológicos, às línguas hebraica, latina e grega, bem como à retórica, à lógica, à matemática e a outros assuntos, tendo obtido, em novembro de 1639, o título de Mestre em Teologia.<sup>2</sup> Em 1641, iniciou os estudos na Universidade de Utrecht – onde possivelmente se familiarizou com a filosofia de Descartes –, mas não se sabe se chegou a obter algum diploma nem quanto tempo, ao certo, permaneceu ali.

Em agosto de 1641, Oldenburg escreveu a Gerardus Joannes Vossius (1577-1649) queixando-se do elevado custo de vida de Utrecht,

1 Outras formas do nome são: Henry Oldenburgh, Heinrich Oldenburg e a alatinada Henricus Oldenburgius. A forma anglicizada do prenome “Henry” foi possivelmente adotada com sua mudança para a Inglaterra.

2 Segundo Meinsma (1896, p. 166) a biblioteca da cidade de Bremen guarda uma dissertação de Oldenburg sobre as relações entre a Igreja e o Estado, intitulada *Acclamations ad Henricum Oldenburgium, Bremensem, quum sub phæsidio Ludovici Crocii, S. Theol. D. & Prof. in Gymnas. Brem. disputationem theologikum “de ministerio ecclesiastico & magistratu politico” publice defenderet*. Todavia, não conseguimos, até o momento, acesso à dissertação, tampouco encontrá-la registrada no catálogo da *Stadt Bibliothek Bremen*. Certamente renderia um bom confronto com a doutrina do *Tratado teológico-político*.

e perguntando se ele conhecia alguém que quisesse um tutor para o filho. Sua intenção, explicou, era fazer uma viagem a alguma província, instruindo o filho de algum nobre ou comerciante honesto, com quem seria possível partir para algumas partes estrangeiras, a fim de conhecer a condição da Igreja e do Estado na Inglaterra, França e Itália. Após essa carta, os registros de suas atividades nos doze anos seguintes são desconhecidos. Muito provavelmente, como indicado a Vossius, Oldenburg, na esteira de sua tradição familiar, tornou-se tutor privado, conhecendo alguns países europeus, donde se deduz que tenha adquirido seu domínio de línguas modernas como o inglês, o francês e o italiano.

Os registros de Oldenburg voltam a aparecer quando, em julho de 1653, durante o *Interregnum*<sup>3</sup> inglês, foi nomeado pelo governo de Bremen como seu agente diplomático na Inglaterra e para lá enviado com a missão de intermediar interesses marítimos da cidade perante Oliver Cromwell. O objetivo foi assegurar que a Inglaterra respeitasse a neutralidade de Bremen em meio à Primeira Guerra Anglo-Holandesa. O agente diplomático parece não ter obtido muito sucesso até a paz ser declarada em abril de 1654. No mesmo ano, tendo continuado em território inglês, Oldenburg recebeu uma nova solicitação diplomática de sua cidade natal, desta vez para que buscasse apoio de Cromwell à resistência de Bremen em uma disputa contra a Suécia; nisso, após algum atraso, foi bem-sucedido (HALL, 1965, p. 278).<sup>4</sup>

3 O *Interregnum* da Inglaterra foi o período entre o regicídio de Charles I, em 30 de janeiro de 1649, e a chegada de seu filho Charles II, em 29 de maio de 1660, chamada de Restauração. Nesse intervalo, a Inglaterra passou por várias formas de governo republicano, tendo como seu *Lord Protector*, entre 1653 e 1658, o político e militar Oliver Cromwell (1599-1658).

4 Há uma série de cartas entre Oldenburg e o Senado de Bremen em 1653 e 1654.

A essa altura, permanentemente estabelecido na Inglaterra, Oldenburg já havia se integrado a um círculo de pessoas eminentes, como John Dury (1596-1680), John Milton (1608-1674), o compatriota Samuel Hartlib (1600-1662), Thomas Hobbes (1588-1679), Katherine Jones (1615-1691), também conhecida como Lady Ranelagh, e o irmão dela, já citado, Robert Boyle. Em 1656, o alemão tornou-se tutor de Richard Jones (1641-1712) – filho de Lady Ranelagh e sobrinho de Robert Boyle – com quem foi passar uma temporada em Oxford. Aproveitando a ocasião, o próprio Oldenburg, em junho do mesmo ano, matriculou-se na universidade como aluno visitante sob o nome e título de *Henricus Oldenburg, Bremensis, Nobilis Saxo*. Foi, então, apresentado ao *new experimental method* (em oposição às grandes especulações dos antigos) pelos amigos John Wilkins (1614-1672), John Wallis (1616-1703) e outros, e a ele decidiu dedicar-se.

A estada em Oxford durou até abril de 1657, e, a partir daí, Richard Jones e seu tutor iniciaram uma série de viagens pelo continente europeu. De início, foram para Saumur, na França, onde residiram por um ano. A tarefa de Oldenburg era garantir que o pupilo adquirisse boa pronúncia no francês e que conservasse sua piedade protestante (HALL, 1965, p. 279). Após isso, ambos viajaram por algumas partes da França e Alemanha, até que, em 1660, por ocasião da Restauração da monarquia inglesa, retornaram de Paris para Inglaterra, a tempo de celebrar a entrada de Charles II.<sup>5</sup>

Na primavera de 1661, Oldenburg viajou para Bremen, provavelmente buscando organizar seus interesses financeiros, ou se resolver

5 Oldenburg, como Boyle e Moray, eram “royalistas” a favor da Restauração da monarquia.

definitivamente com o governo de sua cidade natal, ou para rever uma irmã que se casara. Em junho ou julho daquele ano, antes de retornar a Londres, passou pela Holanda, visitando lugares como Amsterdã, Leiden e Haia, com a intenção de encontrar amigos e personalidades e tratar de alguns assuntos.<sup>6</sup> Segundo Meinsma (1896, p. 171), decerto, em pelo menos uma dessas cidades, ouviu falar de Espinosa: ou por meio de Jan Rieuwertsz (1617-1686), livreiro de Amsterdã, ou de algum outro colegiante, ou do rabino Israel Ben Menasseh (1604-1657). Há ainda aqueles<sup>7</sup> que apontam o milenarista nascido em Londres Pieter Serrarius (1600-1669) como o responsável pelo contato de Oldenburg com o filósofo. Todavia, a escassez de detalhes do itinerário de Oldenburg torna difícil ultrapassarmos as meras conjecturas. O que, por razoabilidade, pode-se presumir é que o momento do encontro com Espinosa se deu durante ou logo após a passagem de Oldenburg pela cidade de Leiden, em virtude de uma visita ao parente e conterrâneo Johannes Koch ou Coccejus (1603-1669), então professor de Teologia na universidade local. Isso porque, havia poucos meses, Espinosa deixara Amsterdã para morar em Rijnsburg, um vilarejo nos arredores de Leiden, que, naquela ocasião, colocava-o a menos de dez quilômetros de Oldenburg. Certamente muito interessado, o alemão não desperdiçou a oportunidade e dirigiu-se até a pequena casa onde Espinosa alugava um quarto do médico-cirurgião Herman Hooman, aparentemente sem dificuldades para encontrá-la. Ali, segundo relato do próprio Oldenburg em sua primeira carta a Espinosa, de 26 de agosto de 1661, certamente trataram de assuntos filosóficos, mais especificamente, “sobre Deus, sobre a extensão e

6 Em uma carta de 3 de agosto de 1661, de Oldenburg a Christiaan Huygens (1629-1695), sabemos que este recebera a visita daquele em Haia.

7 Como Ernestine van der Wall (1988, p. 90) e Marilena Chauí (1999, p. 31-32n).

o pensamento infinitos, sobre a diferença e a conveniência desses atributos, sobre a maneira da união da alma humana com o corpo; além disso, sobre os princípios da filosofia cartesiana e da baconiana.” (OLDENBURG, 1986) Naquela mesma carta, redigida poucos dias após o retorno a Londres, Oldenburg mostrou-se tão impressionado com a mesura e a erudição de Espinosa, que não mediu esforços e deferências para que o filósofo permitisse, a partir dali, a instauração de um comércio epistolar, e, mais ainda, que se unissem “com uma amizade não fugaz” e que a cultivassem “cuidadosamente com todo gênero de estudos e serviços”. Naquele momento, Espinosa tinha vinte e oito anos e Oldenburg já ultrapassava os quarenta. De fato, embora jamais tenham voltado a se falar de viva voz, o alemão ex-diplomata tornou-se a personalidade que mais se correspondeu com Espinosa – e, por isso, talvez a mais importante, tendo a troca de cartas se mantido, com algumas interrupções, até 1677, à beira da morte dos dois.

Pois bem, alguns meses antes da viagem de Oldenburg para Bremen e Holanda, um grupo de notáveis em várias áreas do conhecimento havia começado se reunir para discutir a formação de um *college for the promoting of physico-mathematical experimental learning*.<sup>8</sup> A corte inglesa, recém-restaurada, logo tomou conhecimento do projeto, aprovando-o e mostrando-se disposta a encorajá-lo. Assim, em julho de 1662, Charles II promulgou a Primeira Carta Régia de incorporação, fundando oficialmente a *Royal Society of London*. Em abril do ano seguinte, Charles II assinou uma Segunda Carta Régia, a partir da qual ele se declarava

8 Em 28 de novembro de 1661, um comitê anunciou, após uma palestra nas instalações do Gresham College, em Londres, a formação de um colégio. Na ocasião, tanto Oldenburg como Richard Jones foram formalmente listados como candidatos a membros de tal colégio, o que se efetivou em janeiro de 1661 (Birch, 1756, p. 3).



fundador e patrono da Sociedade e alterava o nome dela para *The Royal Society of London for improving natural knowledge*. Na mesma Carta, Oldenburg e John Wilkins foram nomeados os dois primeiros secretários da Sociedade: este como Secretário de Ciências Biológicas e aquele como Secretário de Ciências Físicas; além disso, a alguns de seus membros foi concedida licença para que se correspondessem por cartas, em nome da Sociedade, sobre assuntos filosóficos, matemáticos ou mecânicos com qualquer estrangeiro (LYONS, 1944, pp. 329-340). Esse privilégio de se corresponder livremente com cidadãos de outros países foi muito útil à Sociedade em um período de grande turbulência na Inglaterra e de conflitos internacionais (GOTTI, 2014, p. 152).

Embora sua posição oficial fosse a de Segundo Secretário, Oldenburg foi o principal e mais efetivo dos secretários.<sup>9</sup> Possuindo uma ampla rede de contatos com pessoas eruditas, construída ao longo de seus intercursos pela Europa, e com a capacidade de se comunicar fluentemente em latim e nas principais línguas modernas, Oldenburg acabou se tornando o associado ativo mais habilitado ao quinhão de corresponder-se em nome da Sociedade. Decerto, a correspondência foi seu maior fardo. Dos quinze anos em que foi Secretário da *Royal Society*, cargo exercido até sua morte, sobreviveram aproximadamente duas mil cartas autógrafas e um número semelhante de outras endereçadas a ele. Por meio delas, patenteia-se a grande diversidade de assuntos e interesses, bem como a ampla extensão geográfica alcançada pelo círculo de cor-

9 Wilkins deixou a posição de Primeiro Secretário em 1668. Nos dez anos seguintes foi sucedido por Thomas Henshaw (1618-1700), John Evelyn (1620-1706) e Abraham Hill (1633-1721), todos os quais tiveram papéis de pouca importância nos afazeres da *Royal Society*, enquanto Oldenburg, como veremos a frente, continuou ativo até sua morte em 1677 (HALL, 1965, p. 282).

respondentes de Oldenburg. Martin Lister, biólogo que pertenceu à *Royal Society*, descreveu o vulto e o esforço envolvidos em tal comércio epistolar:

[Oldenburg] manteve correspondência com setenta pessoas de todas as partes do mundo, e aquelas, certamente, com outras; perguntei-lhe com que método ele costumava responder tão grande variedade de assuntos e tamanha quantidade de cartas que ele deve receber semanalmente; pois sei que ele nunca falhou, visto que tive a honra de sua correspondência por dez ou doze anos. Ele me contou que fazia uma carta responder outra, e que para sempre estar bem-disposto, nunca lia uma carta antes que tivesse caneta, tinta e papel prontos para respondê-la imediatamente; de modo que a multidão de suas cartas não o saturasse, nem jamais ficasse em suas mãos (OLDENBURG, 1986, v. I, pp. XVII-XVIII).

Durante certo tempo, Oldenburg não recebeu remuneração alguma por seus extensos serviços como Secretário da *Royal Society*. Tendo que encontrar renda de outras maneiras, uma de suas fontes foi o amigo e patrão Boyle, a quem serviu como secretário particular e como tradutor e editor de seus livros.<sup>10</sup> Além disso, foi a expectativa de obter algum lucro, conjunta a outros interesses mais altruístas<sup>11</sup>, que levou

10 O retrato do secretário é apresentado, pela primeira vez, por Angel Day no livro *The English Secretary, or Methode of writing of Epistles and Letters* (Londres, 1586-1653), considerado o primeiro manual epistolar a empregar modelos ingleses originais em vez de clássicos. Na seção anexa à quarta edição, de 1599, *Of the partes, Place and Office of the Secretorie*, o escritor de cartas profissional é definido como “um homem seletto e de estima, habilidade e julgamento valorosos”. Como “a própria etimologia da palavra” ressalta, o secretário é “um guardador ou conservador do segredo confiado a ele”. Sua “habilidade de escrever ou comandar a caneta” permite que ele argumente de forma persuasiva, conforme exigido por seu mestre (DAY, 1599, pp. 102-103).

11 Em 3 de dezembro de 1664, Oldenburg escreve para Boyle: “Essa justiça e generosidade de nossa Sociedade é extremamente louvável, e me alegra sempre que penso nelas, principalmente porque me persuado de que todos os homens engenhosos

Oldenburg a querer fundar e editar, na Inglaterra, uma revista dedicada a assuntos puramente científicos (HALL, 1965, p. 288). A inspiração veio no fim de 1664, quando o Secretário soube da iminente publicação de um periódico francês dedicado a notícias científicas e não-científicas, que se concretizaria em 5 de janeiro de 1665, sob o nome de *Journal des Sçavans*.

Então autorizado pelo Conselho da *Royal Society*, Oldenburg publicou, em 6 de março de 1665, o primeiro número da revista científica *Philosophical transactions of the Royal Society of London*.<sup>12</sup> O conteúdo dos artigos era extraído de informações tanto de sua própria correspondência quanto das atividades da Sociedade, e compunham o escopo de divulgar as mais recentes descobertas científicas aos membros da Sociedade e outros leitores interessados. Na Introdução à primeira edição, Oldenburg declarou os objetivos da revista:

Considerando que não há nada mais necessário para promover a melhoria das questões filosóficas do que a comunicação, com aqueles que aplicam seus estudos e esforços dessa maneira, das coisas que são descobertas ou postas em prática por outros, consi-

(*ingenious*), por meio disso, serão encorajados a compartilhar o conhecimento e as descobertas deles, tanto quanto puderem, não duvidando da observância da velha lei do *suum cuique tribuere* (“atribuir a cada um o que é seu”) (BIRCH, 1756, p. 495).

<sup>12</sup> As *Philosophical transactions* são a primeira revista puramente científica do mundo. Embora o primeiro número do *Journal des Sçavans* tenha sido publicado dois meses antes do surgimento das *Philosophical transactions*, aquele dedicava-se também a assuntos não científicos. Em 1886, a amplitude das descobertas científicas tornou necessário separar a revista inglesa em duas, as *Philosophical transactions series A* e *series B*, cobrindo ciências físicas e ciências biológicas, respectivamente. Curioso notar que tal separação coincide com a mesma entre os dois primeiros secretários da *Royal Society*: Oldenburg como Secretário de Ciências Físicas, e John Wilkins como Secretário de Ciências Biológicas.

dera-se, pois, adequado empregar a imprensa como o modo mais apropriado de gratificar aqueles, cujo envolvimento em tais estudos e deleite no avanço do saber e de descobertas lucrativas dá-lhes o direito do conhecimento sobre o que este Reino ou outras partes do mundo, de tempos em tempos assim produz, bem como sobre o progresso dos estudos, trabalhos e tentativas dos curiosos e doutos em coisas desse tipo, a partir de suas descobertas e desempenhos completos. Por fim, para que tais produções sejam clara e verdadeiramente comunicadas, desejos por conhecimento sólido e útil podem ser ainda mais nutridos, engenhosos esforços e empreendimentos apreciados e convidados e encorajados a procurar, testar e descobrir coisas novas, transmitir seus conhecimentos um ao outro, e contribuir com o que podem para o grande projeto de melhorar o conhecimento natural e aperfeiçoar todas as artes filosóficas e ciências. Tudo para a Glória de Deus, a Honra e o proveito destes Reinos e o bem universal da humanidade (OLDENBURG, 1665, p. 12).

criterioso e diligente, o Secretário estabeleceu a prática de enviar os manuscritos que chegavam às suas mãos para que outros especialistas os avaliassem antes da publicação. Com sua revista científica, ele foi inaugurador de princípios importantes de prioridade científica e revisão paritária (*peer review* ou *refereeing*), que se tornaram os fundamentos centrais de revistas científicas desde então. Segundo Marie Boas Hall (1965, p. 277), não é demasiado dizer que ele também tenha inventado as profissões de administrador científico e jornalista científico.

As *Philosophical transactions* colocaram a *Royal Society* no centro da maior rede de comunicação científica até então. Oldenburg conduziu as publicações autonomamente – encarregando-se inclusive de todos os custos envolvidos –, tendo sido responsável por cento e trinta e seis números, desde a fundação da revista até sua morte, e contribuído como autor ou tradutor de trinta e quatro artigos. Cada número da revista era publicado periodicamente, na primeira segunda-feira do mês,

havendo apenas duas interrupções durante toda a vida de Oldenburg. A primeira delas ocorreu por conta da grande peste<sup>13</sup> de Londres, e durou cerca de quatro meses, de julho a novembro de 1665. Nesse período, Oldenburg permaneceu com a família em Londres, em sua casa em Westminster, atento aos interesses da Sociedade, que se encontrava dispersa. Felizmente, não foi infectado pela peste bubônica. Já a segunda interrupção se deu em 1667, quando Oldenburg foi preso por suspeita de espionagem. Desde 1666, havia entre ele e o Subsecretário de Estado Sir Joseph Williamson<sup>14</sup> (1633-1701) um acordo de cooperação: as cartas dos correspondentes de Oldenburg eram entregues no escritório de Williamson, que arcava com seus custos, e, em troca, Oldenburg prestava-lhe informações de inteligência, reportando notícias políticas e militares dadas, sob o pano de fundo da Segunda Guerra Anglo-Holandesa, por seus missivistas estrangeiros – especialmente da França e Holanda. Todavia, ainda que fornecesse vantagens aos interesses da corte inglesa, o frequente intercâmbio epistolar de Oldenburg com estrangeiros suscitou suspeitas acerca de suas atividades. Como resultado, nem a proximidade com Williamson nem os privilégios concedidos pela *Royal Society* obstaram que Oldenburg fosse, em 20 de junho de 1667, conduzido à Torre de Londres, um castelo que, à época, servia como prisão. O mandado havia sido assinado, no mesmo dia, pelo então Secretário de Estado Lord Arlington (1618-1685), e acusava Oldenburg de “planos e práticas perigosas” (MCKIE, 1948, p. 29). Todavia, o Secretário acreditava tratar-se de represália por suas críticas, contidas em algumas

13 Trata-se de uma epidemia de peste bubônica que matou cerca de cem mil pessoas em Londres entre os anos de 1665 e 1666.

14 Williamson era membro da *Royal Society* e foi seu segundo presidente por três exatos anos, de 1677 a 1680 (THOMSON, 1812, p. 13).

cartas e discursos, à condução da Segunda Guerra Anglo-holandesa (MCKIE, 1948, p. 35). Ainda sobre o motivo da prisão, em 25 de junho de 1667, Samuel Pepys (1633-1703), membro da *Royal Society*, escreveu em seu famoso diário:

Disseram-me ontem que o Sr. Oldenburg, nosso Secretário no *Gresham College*, foi colocado na Torre por escrever notícias a um virtuoso na França (*virtuoso in France*), com quem ele constantemente se corresponde sobre questões filosóficas; o que torna, neste momento, muito inseguro escrever ou fazer quase qualquer coisa (PEPYS, 1667).

O encarceramento de Oldenburg durou pouco mais de dois meses, cessando, em 26 de agosto de 1667, quando Lord Arlington assinou o mandado de sua soltura.<sup>15</sup> Em carta subsequente, datada de 3 de setembro, ele escreveu para Boyle lamentando o aprisionamento e seus efeitos:

Fiquei tão sufocado pelo ar da prisão, que, assim que tive meu afastamento da Torre, eu o aumentei e levei de Londres para o campo, para me arejar por alguns dias no bom ar de Crayford, em Kent. Estando agora de volta, e tendo recuperado meu estômago, que eu havia, por assim dizer, quase perdido, pretendo, se Deus quiser, cair no meu antigo comércio, se eu tiver algum apoio para segui-lo. Minha recente desgraça, temo, me prejudicará muito, muitas pessoas, desconhecendo-me e ouvindo que sou estrangeiro, podendo provocar uma suspeita contra mim. Não poucos vieram à Torre meramente para indagar o meu crime e para ver o mandado, no que, quando descobriram ter sido por planos e práticas perigosas, divulgaram por Londres e fizeram com que os outros não tivessem uma boa opinião de mim. *Incarcera audacter; semper aliquid adhseret* (MCKIE, 1948, p. 40).

<sup>15</sup> É bem provável que tanto a prisão quanto a soltura tenham sido de responsabilidade exclusiva do Secretário de Estado (HALL, 1965, p. 284).

Embora Oldenburg, como confessa a Boyle, tivesse receado a impossibilidade de prosseguir com a prática epistolar, sua correspondência doméstica e estrangeira foi aos poucos restabelecida e se tornou muito mais intensa do que antes. Foram retomadas também suas atividades diárias inerentes ao cargo de Secretário da *Royal Society*, que continuou sem qualquer remuneração. A turba de ocupações não permitia que Oldenburg desempenhasse, em paralelo, uma carreira regular, e isso passou a render-lhe problemas financeiros crescentes, chegando, por exemplo, a ponto de quase interromper a impressão das *Philosophical transactions* (KRONICK, 2004, p. 157). Tais circunstâncias fizeram Oldenburg queixar-se, em carta para Boyle de 17 de dezembro de 1667, da pouca consideração pelos muitos serviços desempenhados para a Sociedade, seus correspondentes domésticos e estrangeiros, “sendo não menos que trinta”, e seus ganhos advindos das *Philosophical transactions*, que nunca teriam ultrapassado quarenta libras anuais, e que caíam para trinta e seis naquele momento (BIRCH, 1756, p. 355). Ainda sobre suas dificuldades, preserva-se no *British Museum* um memorando manuscrito de Oldenburg, de 1668 ou 1669, no qual ele descrevia detalhadamente suas ocupações como Secretário e questionava a ausência de apoio financeiro por parte da Sociedade:

Ele [Oldenburg] encarrega-se constantemente das reuniões da Sociedade e do Conselho; anota os ditos e feitos lá observados; compila-os em privado; cuida de lançá-los no livro-diário e no livro-registro; lê por inteiro e corrige todos os lançamentos; solicita os desempenhos das tarefas recomendadas e empreendidas; escreve todas as cartas para fora e responde aos retornos dados a elas, mantendo uma correspondência com pelo menos 30 pessoas; emprega bastante tempo e esforça-se muito indagando e satisfazendo demandas estrangeiras sobre questões filosóficas, distribui para longe e perto grande quantidade de direções e indagações

para o propósito da Sociedade, e as vê bem recomendadas, etc. Pergunta: uma pessoa assim deveria ser deixada sem assistência? (HALL, 1965, p. 290).

No fim de abril de 1668, por ordem do Conselho, Oldenburg recebeu quinze libras como presente esporádico, e, em 3 de junho de 1669, foi-lhe concedido um salário regular de quarenta libras *per annum*, como reconhecimento à dispendiosa e árdua natureza de seu trabalho e como subsídio para suas atividades e para publicação das *Philosophical transactions*. Não obstante o apoio recebido, Oldenburg manteve a busca por outras fontes de renda, continuando, inclusive, a fornecer notícias para Williamson. Após 1670, fez numerosas traduções, incluindo versões latinas de trabalhos de Boyle, e traduções inglesas de obras como o *Prodromus*<sup>16</sup>, de Nicolaus Steno, *A genuine Explication of the Book of the Revelation*, de A. B. Piganius, *The History of the late Revolution of the Empire of the Great Mogol*, de F. Bemier, e *The Life of the Duchess of Mazarine* (BIRCH, 1756, p. 355).

Oldenburg teve dois casamentos. Sua primeira esposa foi Dorothy West, com quem se casara em 22 de outubro de 1663 e que o deixou viúvo no início de 1665. Três anos depois, em agosto de 1668, Oldenburg obteve licença para se casar com Dora Katherina Dury, filha única de John Dury, à época com cerca de quinze anos de idade. Deste casamento, vieram dois filhos: Sophia, nascida em 1672, e Rupert, nascido em maio de 1675 (HALL; HALL, 1968, *passim*).

16 Trata-se da obra *De solido intrasolidum naturaliter contento dissertationis prodromus* (Florença, 1669), traduzida para o inglês em 1671, sob o título *The prodromus of Nicolaus Steno's dissertation concerning a solid body enclosed by process of nature within a solid*.



Embora tenha desfrutado de boa saúde e permanecido firmemente ativo até seus últimos dias, Oldenburg morreu repentinamente, em 5 de setembro de 1677, dois dias após o início de uma enfermidade. Sua esposa Dora faleceu quase que concomitantemente, em 17 de setembro. Após a morte de ambos, como a família não possuía parentes próximos vivendo na Inglaterra, os filhos Sophia e Rupert ficaram aos cuidados de uma senhora Margaret Lowden (ou Louden), a qual chegou a receber algum apoio financeiro inicial de Boyle. Sobre a vida posterior de ambos, há registro de que Rupert, então servindo como tenente, cometeu suicídio em 1724; de Sophia, nenhum vestígio permaneceu (HALL; HALL, 1968, p. 40).



Retrato de Henry Oldenburg,  
por Jan van Cleve (1668).

## OLDENBURG: SPINOZA'S MOST PROLIFIC CORRESPONDENT

ABSTRACT: This article aims to compose a biography of Henry Oldenburg (ca. 1615-1677), presenting a portrait somewhat reliable of one of Spinoza's main correspondents, in the concreteness of his life. From the bibliographic collection, we intended to answer the question that is an essential part of the background of the most enduring and prolific letter exchange with the Dutch philosopher: who is Oldenburg? Above all, it was necessary to present the humanity of such an important character, in order to avoid that he became to the reader a mere faceless individual to whom Spinoza assigned a few sentences.

KEYWORDS: Oldenburg, Spinoza, Boyle, Royal Society, Philosophical Transactions.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIRCH, T. (1756). *The History of the Royal Society of London for Improving of Natural Knowledge from Its First Rise, in which the Most Considerable of Those Papers Communicated to the Society, which Have Hitherto Not Been Published, are Inserted as a Supplement to the Philosophical Transactions*. London: A. Millar in the Strand, v. I.

CHAUÍ, M. (1999). *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras.

CLEVE, J. (1688). *Henry Oldenburg*, 1 original de arte, óleo sobre tela, 83,8 cm x 63,5 cm. The Royal Society.

DAY, A. (1599). *The English Secretary, or Methode of writing of Epistles and Letters*. Londres: P. s. for C. Burbie.

GOTTI, M. (2014). Scientific Interaction Within Henry Oldenburg's Letter Network. *Journal of Early Modern Studies*, n. 3, p. 151-171.

HALL, A. R.; HALL, M. B. (1968). *Further Notes on Henry Oldenburg*. Notes and Records of the Royal Society of London. v. 23, n. 1, p. 33- 42.

HALL, M. B. (1965). Oldenburg and the art of scientific communication.

- British Journal for the History of Science*, n. 2, p. 277-290.
- KRONICK, D. A. (2004). *“Devant Le Deluge” and Other Essays on Early Modern Scientific Communication*. Lanham/Oxford: Scarecrow Press.
- LYONS, H. G. (1944). *The Royal Society, 1640-1940: A History of its Administration*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MCKIE, D. (1948). The Arrest and Imprisonment of Henry Oldenburg. *Notes and Records of the Royal Society of London*, Londres, n. 6.1, p. 28-47.
- MEINSMA, K. O. (1896). *Spinoza en zijn kring: historisch-kritische studiën over Hollandsche vrijgeesten*. Haia: Nijhoff.
- OLDENBURG, H. (1986). *The Correspondence of Henry Oldenburg*. Edited and Translated by A. Rupert Hall and Marie Boas Hall. Londres/Filadélfia: Taylor & Francis, 13 v.
- \_\_\_\_\_. (1665). The introduction. In: *Philosophical transactions*. Londres, n.1, ed.1, p. 12, 06 de março. Disponível em: <<https://royalsocietypublishing.org/toc/rstl/1665/1/1> >. Acesso em: 27 set. 2018.
- PEPYS, S. (1667). *The Diary of Samuel Pepys. Daily entries from the 17th century London diary* (Diário de 25 de junho de 1667). Disponível em: <<https://www.pepysdiary.com/diary/1667/06/25/> >. Acesso em: 25 dez. 2017
- ROTERMUND, H. W. (1818). *Lexikon aller Gelehrten, die seit der Reformation in Bremen gelebt haben nebst Nachrichten von geborenen Bremern, die in andern Ländern Ehrenstellen bekleideten*. Bremen: Schünemann.
- THOMSON, T. (1812). *History of the Royal Society, from its institution to the end of the eighteenth century*. Londres: Robert Baldwin.
- WALL, E. G. van der. (1988). The Amsterdam Millenarian Petrus Serrarius (1600-1619) and the Anglo-Dutch Circle of Philo-Judaists. In: BERG, J. van den; WALL, E. G. van der. (Ed.). *Jewish-Christian Relations in the Seventeenth Century: Studies and Documents*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 73-94.